

REPORTAGEM ESPECIAL | PÁGINAS 5, 6, 7, 8 E 9

RS tem proporção maior de trabalhadores com dupla ocupação



EM PAUTA

Viacerta aposta em crédito ao varejo, dados e tecnologia para crescer 80% no CDC em 2026



Cerca de um terço dos aproximadamente 400 colaboradores da empresa sediada em Santo Cristo atua em tecnologia, dados e produtos digitais

Financeira nascida no interior gaúcho completou 25 anos com mais de 700 mil clientes

Agnês Noll

agnes@jcrs.com.br

Em um cenário de famílias endividadas e inadimplência em alta, a Viacerta, financeira sediada em Santo Cristo, no Rio Grande do Sul, projeta crescimento de 80% no CDC (Crédito Direto ao Consumidor) em 2026. A empresa completou 25 anos em agosto, com mais de 700 mil clientes atendidos e operação em 12 estados. Também reorganizou o negócio sob o Grupo Viacerta, que reúne a Viacerta Financiadora e a Viacerta Promotora, antes apresentadas como marcas distintas.

A trajetória começou dentro das Lojas Quero-Quero, onde a operação financeira foi pioneira no uso de cartão private label no varejo brasileiro. Quando os fundadores venderam a rede, por volta de 2008, a área financeira ficou com eles. Segundo o CEO, Mario

Garcia, o Banco Central entendeu que não faria sentido manter uma financeira dependente de um único cliente. Com a separação do CNPJ, a empresa precisou ir ao mercado e diversificar. Hoje, a Quero-Quero é apenas um dos clientes de uma carteira que inclui Lojas Colombo, Rede Zema, Novo Mundo, Tolar e Pompeia.

O público-alvo está nas classes C, D e E, formado por consumidores com pouco acesso a cartão de crédito e a financiamentos de grandes bancos. É um mercado volumoso, que costuma ser atendido de forma limitada pelo sistema financeiro tradicional. Na prática, o CDC permite parcelar a compra de itens como eletrodomésticos, móveis, moda e material de construção. A Viacerta financia o bem e permite que o lojista venda mais. “Queremos ajudar o varejo a vender mais”, resume Garcia.

O portfólio inclui ainda empréstimo pessoal, com ou sem garantia de veículo, e crédito agro, também com e sem garantia. Mais recentemente, a companhia passou a oferecer seguros. A rede de distribuição soma mais de

4 mil pontos de venda parceiros e 20 lojas próprias no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Ao longo de sua história, os produtos já foram vendidos em mais de 10 mil lojas.

O principal diferencial competitivo, segundo o executivo, é o conhecimento do varejo, adquirido por ter nascido nele. Para a gestão, nenhuma outra financeira domina tanto o setor que é seu parceiro. A tecnologia sustenta essa proposta. Cerca de um terço dos aproximadamente 400 colaboradores atua em tecnologia, dados e produtos digitais. A área de ciência de dados alimenta a modelagem de crédito, usada para prever riscos e reduzir erros de concessão em um ambiente de juros e inadimplência elevados. A empresa também usa inteligência artificial de forma responsável para otimizar processos.

O resultado, afirma o CEO, aparece nos balanços internos. Os últimos anos foram os melhores da história da companhia, atribuídos a decisões baseadas em dados. A empresa não divulga faturamento nem volume de vendas, o que segundo Garcia faz pouco senti-

do em uma operação financeira, como ocorre com os bancos.

Para o próximo ciclo, a estratégia é de consolidação e não de novas fronteiras. Após avançar do Sul para o Sudeste, o Nordeste e o Centro-Oeste, a Viacerta não prevê atuação internacional e quer ganhar relevância nos estados onde já está, com crescimento sustentável. Em cinco anos, a meta é estar ao lado dos varejistas do país, incluindo pequenos e médios, que tendem a ter menos acesso a crédito e a ferramentas de financiamento ao consumidor.

A manutenção da sede em Santo Cristo, mesmo com a escala nacional, é também uma aposta econômica. A empresa investe em formação e retenção de talentos longe dos grandes polos, com programas de capacitação, plano de carreira e modelos de trabalho flexíveis, incluindo home office. Eleita pela Great Place to Work como um dos melhores lugares para trabalhar no país, a companhia mantém uma operação de tecnologia relevante no interior gaúcho. Entre seus colaboradores, a faixa etária de maior concentração é a de 29 a 35 anos.

RAIO X

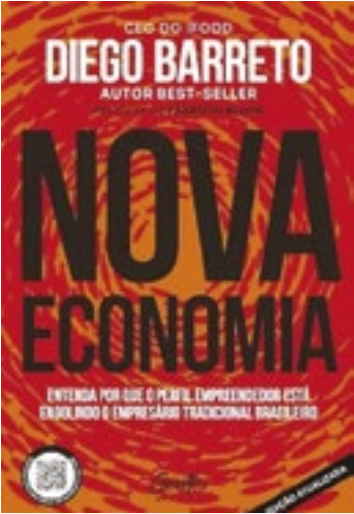
- **EMPRESA:** Viacerta
- **ANO DE FUNDAÇÃO:** 2001
- **CIDADE DE ORIGEM:** Santo Cristo (RS)
- **ÁREA DE ATUAÇÃO:** Serviços financeiros e crédito ao varejo, em 12 estados
- **PROJEÇÃO PARA 2026:** Crescimento de 80% no CDC; faturamento não é divulgado
- **ONDE QUER ESTAR EM 5 ANOS:** Ao lado dos varejistas do País, de grandes a pequenos e médios
- **DIFERENCIAIS:** Nascida no varejo, domina o setor parceiro; tecnologia e ciência de dados; Great Place to Work
- **CLIENTES:** Mais de 700 mil, das classes C, D e E; parceiros como Colombo, Zema, Novo Mundo, Tolar e Pompeia
- **REDE:** Mais de 4 mil pontos de venda parceiros e 20 lojas próprias (RS e SC)
- **INOVAÇÃO E TECNOLOGIA:** Um terço dos cerca de 400 colaboradores atua em tecnologia; ciência de dados e IA na modelagem de crédito
- **DESAFIOS DO SETOR:** Endividamento da população, inadimplência em alta e juros elevados
- **NOVIDADES:** Seguros, incorporados recentemente ao portfólio, que segue em ampliação



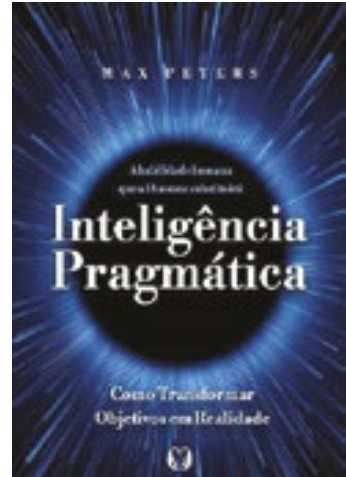
“Chegamos aos 25 anos em um momento de transformação do negócio. A criação do Grupo Viacerta não é apenas uma mudança de marca, mas a organização de uma estrutura que ganhou escala e que precisa estar preparada para o próximo ciclo de crescimento.”

Mario Garcia, CEO.

FEED



Nova Economia: Entenda por que o perfil empreendedor está engolindo o empresário tradicional brasileiro; Diego Barreto; Editora Gente; 240 páginas; R\$ 84,90 Disponível em versão física e digital.



Inteligência pragmática: A habilidade humana que a IA nunca substituirá...; Max Peters; Citadel Editora; 448 páginas; R\$ 89,90; Disponível em versão física e digital.



O livro que você gostaria que todas as pessoas que você ama lessem: (E talvez algumas que você não ame); Philippa Perry; Editora Fontanar; 200 páginas; R\$ 69,90; Disponível em versão física e digital.

Empreendedorismo

Cinco anos após a primeira edição, Nova Economia: entenda por que o perfil empreendedor está engolindo o empresário tradicional brasileiro, de Diego Barreto, ganha uma edição atualizada diante das mudanças ocorridas no cenário econômico e tecnológico. O livro parte da questão de como profissionais e empresas podem atuar em um ambiente marcado pela transformação constante. A nova edição aborda a expansão da Inteligência Artificial, as mudanças provocadas pelas plataformas digitais e a velocidade das transformações nos mercados e nas relações de trabalho. A partir desse contexto, Barreto defende que compreender as

forças da Nova Economia não é suficiente. Para o autor, é necessário adaptar-se a elas. A obra discute o papel dos líderes nesse processo e a necessidade de rever modelos de pensamento antes de promover mudanças nas organizações. Também trata da formação profissional baseada na combinação de diferentes modelos mentais, em vez da concentração em uma única especialidade. Para as empresas, a incerteza é apresentada como elemento que pode ser incorporado às estratégias de negócio. Barreto é sócio e CEO do iFood e Head do ecossistema Prosus na América Latina. Formado em Direito pela PUC-SP, possui MBA pelo IMD Business School.

Inteligência Artificial

Inteligência Pragmática: A habilidade humana que a IA nunca substituirá - Como transformar objetivos em realidade, de Max Peters, aborda a diferença entre ter conhecimento e conseguir transformar ideias em resultados. O livro parte da definição de inteligência pragmática como a capacidade de estabelecer objetivos, elaborar planos e executar ações de forma consistente, ajustando as estratégias conforme as circunstâncias. A obra apresenta três etapas para alcançar objetivos: definir, planejar e executar. A partir delas, discute temas como definição de metas, foco, tomada

de decisão, aprendizagem e desenvolvimento de ideias. O autor também relaciona essas habilidades às mudanças provocadas pelo avanço da inteligência artificial, argumentando que, mesmo diante de novas ferramentas e tecnologias, a capacidade de alcançar objetivos permanece necessária. O livro também questiona a relação entre potencial e impacto e aborda situações em que planejamento excessivo, ansiedade ou falta de execução impedem a concretização de projetos. Max Peters é empreendedor e ex-jogador profissional de polo aquático. Criou empreendimentos na América Latina.

Autoconhecimento

Em O livro que você gostaria que todas as pessoas que você ama lessem (E talvez algumas que você não ame), Philippa Perry, psicoterapeuta há 20 anos, colunista da revista inglesa Red, escritora e apresentadora de televisão e rádio e autora de Couch Fiction (2010), Como manter a mente sã (2012) e O livro que você gostaria que seus pais tivessem lido (2020), aborda a influência das relações pessoais na forma como as pessoas lidam com situações do cotidiano. A autora parte da ideia de que os vínculos com familiares, cônjuges, amigos, colegas e consigo mesmo interferem na maneira como diferentes questões são enfrentadas.

A obra trata de dilemas dos relacionamentos contemporâneos e propõe reflexões sobre autoconhecimento, convivência e resolução de conflitos. A partir da perspectiva da psicoterapia, Perry discute como identificar a origem das frustrações, compreender os próprios sentimentos e comportamentos e lidar com desentendimentos. Também aborda a empatia e a capacidade de aceitar mudanças. A autora apresenta situações relacionadas à vida cotidiana para discutir a forma como cada pessoa se percebe e estabelece vínculos. O livro também propõe reflexões sobre como lidar com momentos difíceis e compreender as próprias reações diante das relações.



A música como caminho para novas oportunidades

A formação cultural também é parte importante do desenvolvimento dos jovens. O acesso à música, que estimula a criatividade e a sensibilidade, contribui para o aprendizado da disciplina, do trabalho coletivo e da expressão individual. Quando essas experiências são oferecidas a quem historicamente teve menos oportunidades, seu alcance vai além da formação artística. É essa perspectiva que orienta a criação da Orquestra Jazz Sinfônica e do Coral Jovem, idealizada pelo CIEE-RS e conduzida pelo Maestro Joab Muniz, iniciativa que terá a primeira apresentação pública oficial na noite de segunda-feira (26) no Teatro CIEE-RS Banrisul em Porto Alegre. O projeto reúne jovens de 14 a 24 anos, estudantes de escolas públicas e inscritos no CadÚnico, que passaram a ter acesso gratuito ao ensino musical.

A proposta parte de uma premissa simples: o talento pode estar em qualquer lugar, mas as oportunidades de desenvolvê-lo não chegam a todos da mesma forma. Ao oferecer aulas, ensaios, transporte e alimentação, o projeto reduz barreiras de acesso e cria condições para que os jovens se dediquem à música e descubram novas formas de aprendizagem.



"Ao ampliar o acesso à formação musical, o projeto busca contribuir para que esses jovens construam novas perspectivas de futuro, dentro e fora do universo artístico", afirma Lucas Baldisserotto, CEO do CIEE-RS.

Outro aspecto relevante é a integração entre diferentes linguagens musicais. Com instrumentos de cordas, teclado e bateria, além do canto, a formação combina repertórios eruditos e populares. Essa diversidade mostra como a música pode reunir estilos, experiências e gerações. O aprendizado também ultrapassa os ensaios. As atividades de desenvolvimento pessoal propostas pelo projeto trabalham competências como criatividade, disciplina e liderança, importantes para a vida em sociedade e para a trajetória profissional. A apresentação representa um marco desse percurso. O encontro com o público reconhece o esforço dos participantes e reforça a importância de iniciativas que aproximam cultura e educação.

www.cieers.org.br
(51) 3363-1000





VISÃO EMPRESARIAL

Lori Quevedo

Empresária e conselheira fiscal da Associação Comercial de Porto Alegre

Empreender é transformar oportunidade em legado

Porto Alegre tem uma história empresarial construída pela iniciativa, pelo comércio, pelos serviços e pela capacidade de transformar desafios em oportunidades. Empreender, portanto, não é apenas abrir um negócio. É participar da construção econômica de uma cidade e contribuir para o seu futuro.

Essa percepção faz parte da minha trajetória junto à Associação Comercial de Porto Alegre (ACPA), entidade da qual participo desde 2018 e que possui uma história iniciada em 1858. São mais de 168 anos acompanhando transformações econômicas e empresariais, preservando valores e buscando novas formas de apoiar quem empreende.

ACPA — Desde 1858, impulsionando negócios.

Essa identidade traduz uma responsabilidade: colocar a tradição a serviço do futuro. Em um cenário marcado pela tecnologia, inteligência artificial, mudanças regulatórias e novos modelos de consumo, experiência e inovação devem caminhar juntas para fortalecer decisões e resultados.

É nesse contexto que o associativismo empresarial ganha relevância. O acesso à informação qualificada, à educação continuada, ao relacionamento e às oportunidades pode fazer diferença na trajetória de uma empresa. Uma boa ideia precisa ser acompanhada de planejamento, estratégia, execução e capacidade de adaptação.

Desde que passei a integrar a ACPA, fortaleceu-se uma convicção: educação continuada não é complemento da atividade empresarial. É parte da estratégia. Existe diferença entre empreender e administrar uma empresa. O empreendedor identifica oportunidades e assume riscos. O empresário precisa

estruturar processos, conhecer seus números, avaliar riscos, desenvolver pessoas e pensar na continuidade do negócio.

Também aprendi que network não é apenas uma coleção de contatos. É a construção de relações baseadas em confiança, conhecimento e oportunidades capazes de gerar parcerias e negócios.

A participação feminina no empreendedorismo expressa uma transformação importante na economia. Mulheres lideram empresas, ocupam espaços de decisão, criam negócios e ampliam sua contribuição para o desenvolvimento. O desafio é transformar presença em protagonismo, oportunidade em resultado e crescimento em continuidade.

Porque crescer pode ser sequência de uma oportunidade. Permanecer exige estratégia. Como empresária e conselheira fiscal da ACPA, vejo o associativismo como uma plataforma de conhecimento, relacionamento e desenvolvimento. Um espaço em que diferentes gerações compartilham experiências e constroem oportunidades.

Uma empresa é maior que seu resultado imediato: gera empregos, movimenta fornecedores, desenvolve pessoas e participa da história econômica de uma cidade.

Empreender é produzir resultado. Empresariar é construir continuidade. Deixar legado é fazer com que aquilo que construímos continue gerando valor. É essa união entre história, inovação, estratégia e relacionamento que pode continuar impulsionando Porto Alegre. Por isso acredito no associativismo: empresas conectadas fortalecem a economia e ampliam as possibilidades de um futuro sustentável.

OPINIÃO

A reputação que a Inteligência Artificial encontra

Maicon Bock

Sócio-diretor da Mérito Consultoria em Comunicação e ex-secretário-adjunto de Comunicação do Governo do RS

Um cliente me contou que fez um teste numa ferramenta de Inteligência Artificial. Pediu 10 nomes representativos da categoria profissional representada pela entidade que ele preside como ponto de partida para as indicações a um reconhecimento anual. Ficou surpreso ao encontrar o próprio nome na 4ª posição do ranking da IA com justificativa para ter o mérito de estar na lista.

As respostas não surgiram do nada. Foram construídas, principalmente, a partir de notícias publicadas em veículos de comunicação sérios, pois são fontes que ajudam a formar a base de conhecimento da IA.

Essa é uma transformação profunda. Com a perda relativa de espaço do Google como porta de entrada para pesquisas, muitos passaram a buscar respostas e compreender temas em ferramentas como o ChatGPT.

Durante anos, o foco esteve no SEO, a otimização para mecanismos de busca. Agora, ganha importância o GEO, ou Generative Engine Optimization: a prepa-

ração da presença institucional para que empresas, entidades e lideranças sejam corretamente identificadas e mencionadas pela IA.

É uma virada de chave. Muitas organizações ainda não perceberam que a IA precisa encontrar lastro em fontes confiáveis para apresentar informações consistentes. E esse lastro não se constrói só com publicações próprias. Depende de reputação, coerência, autoridade e presença qualificada na imprensa.

Foi exatamente isso que expliquei ao cliente. O resultado refletia o trabalho feito para posicionar estrategicamente a entidade e

construir referências perenes.

A comunicação institucional organiza o discurso, dá credibilidade e sustenta a reputação. Precisam andar junto às redes sociais, orientadas pelo mesmo propósito. É o foco de atuação da Mérito Consultoria em Comunicação.

Já não basta ler o que uma empresa diz sobre si mesma. A pergunta decisiva é: o que as fontes confiáveis dizem sobre ela quando ninguém está controlando a resposta? Faça um teste agora: pergunte à IA: “O que você sabe sobre a empresa X?” — trocando o “X” pelo nome da sua empresa. Leia com atenção. É isso que está chegando aos seus clientes.

Já não basta ler o que uma empresa diz sobre si mesma. A pergunta decisiva é: o que as fontes confiáveis dizem sobre ela quando ninguém está controlando a resposta?



A conta da crise

Gabriela Mânica

Advogada e associada do Instituto de Estudos Empresariais (IEE)

Quando cresce o número de empresas que recorrem à Justiça para não quebrar, o recado é objetivo: a economia não vai bem. Ao final de junho, o Monitor RGF-BIZDOC contava 6.341 empresas em recuperação judicial, o maior patamar da série iniciada em 2023. A Serasa Experian, que conta os pedidos, já havia registrado, em 2025, o maior número de processos em dez anos, 977, envolvendo um recorde de 2.466 empresas. No Rio Grande do Sul, são 707 empresas em recuperação, o segundo maior número do país e quase o dobro da média nacional em proporção, segundo levantamento publicado por este jornal.

Os próprios pedidos apon-tam a causa. A Casas Bahia, por exemplo, atribui a crise a

um dos ciclos de aperto monetário mais intensos da história recente: com a Selic e os juros nas alturas, somados à inflação acumulada, a renda das famílias, sobretudo das classes populares, encolheu, a demanda caiu e a inadimplência subiu. O desfecho foram lojas fechadas e posições de trabalho eliminadas. A Americanas percorreu caminho semelhante. O Grupo Gennius, dono do Habib's, também fala em cenário macroeconômico extremamente adverso e em juros que encareceram o capital de giro.

E quem paga a conta? O empresário, claro, mas também o trabalhador que perde o emprego, a família que perde a renda, o consumidor que perde a loja do bairro, e o Estado, que perde um bom pagador de impostos.

Há ainda uma parte da crise que não aparece nas estatísticas. Uma reestruturação exige

advogados, contadores, consultores financeiros. Se isso é custoso para uma gigante, imagine para o pequeno negócio, que nem sequer tem fôlego para chegar à recuperação judicial. Ele fecha as portas antes, demite antes, deixa de contribuir antes.

Passada a eleição, seguem no centro das atenções, com razão, o emprego, a renda e a proteção social. Mas esses objetivos dependem de uma base: empresas que consigam funcionar. São elas que sustentam os empregos e a arrecadação que financia os programas sociais. Quando o custo do dinheiro as sufoca, o efeito chega à vida das pessoas e também às contas públicas. Cuidar da economia não se opõe a cuidar das pessoas: é a condição para que esse cuidado seja possível. Quem vai governar precisa enxergar as duas pontas.

REPORTAGEM ESPECIAL

Gaúchos superam a média nacional em dupla ocupação

Quase 280 mil pessoas mantinham dois ou mais trabalhos no segundo trimestre de 2026, só no Rio Grande do Sul. O número equivale a 4,7% da população ocupada no Estado, enquanto a média nacional anotou 3,6%. Em meio à expansão das novas tecnologias e plataformas digitais, as estatísticas estaduais seguem dentro da média histórica para um fenômeno nada recente

Gabriel Eduardo Bortolini
Especial para o JC

Nos últimos anos, o crescimento e o desenvolvimento das tecnologias digitais mudaram o panorama do trabalho no mundo. Hoje, com acesso à internet e equipamentos básicos, é possível, sem grandes entraves, vender a força de trabalho a uma empresa nacional ou estrangeira. É a chamada “plataformização”.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil somava 2 milhões de pessoas trabalhando por meio de plataformas digitais em 2025, considerando tanto o trabalho principal como o secundário. A maioria dessa parcela atuava no transporte de passageiros: mais de 1,2 milhão de pessoas.

Esse formato ainda recente tem repaginado uma prática nada nova no mercado de trabalho: a segunda ocupação. No segundo trimestre de 2026, só no Rio Grande do Sul, o número de pessoas ocupadas com dois ou mais trabalhos era de 279 mil pessoas, de acordo com os números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) do IBGE.

Para Thays Mossi, professora do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs), é importante entender qual é o conceito desse “segundo trabalho”, ou seja, se inclui apenas dois vínculos formais ou também contabiliza trabalhos informais e temporários. Nesse caso, entraria na conta o que chamam de Gig Economy. “Basicamente

a ‘economia do bico’ que, para o brasileiro, não é uma novidade, é algo corriqueiro da vida cotidiana, dependendo da sua classe social”, explica.

No caso da PNAD Contínua, o conceito utilizado não é o de “emprego”, mas o de “ocupação”: “são classificadas como ocupadas na semana de referência as pessoas que, nesse período, trabalharam pelo menos uma hora completa em trabalho remunerado em dinheiro, produtos, mercadorias ou benefícios (moradia, alimentação, roupas, treinamento etc.), ou em trabalho sem remuneração direta em ajuda à atividade econômica de membro do domicílio ou parente que reside em outro domicílio, ou, ainda, as que tinham trabalho remunerado do qual estavam temporariamente afastadas nessa semana”, descrevem as Notas Técnicas PNAD Contínua.

Ou seja, não há uma restrição a vínculos formais. Atividades informais e trabalhos por plataformas podem entrar no cálculo, desde que atendam às exigências da pesquisa.

Apesar do crescimento das plataformas digitais e de sua associação a novas formas de trabalho, a série histórica da PNAD Contínua não demonstra um crescimento na proporção de gaúchos com dois ou mais trabalhos. No segundo trimestre, das mais de 5,9 milhões de pessoas ocupadas no Rio Grande do Sul, as 279 mil que mantinham mais de uma ocupação representam 4,7%. O percentual permanece dentro da média observada desde 2012.

Leia mais nas próximas páginas >>



MAGNIFIC/DIVULGAÇÃO/JC

REPORTAGEM ESPECIAL

Renda e realização profissional são alguns dos motivos para manter um segundo trabalho

Gabriel Eduardo Bortulini
Especial para o JC

Os números oficiais são insuficientes para compreender o perfil de quem acumula mais de um trabalho no Rio Grande do Sul. Ainda falta uma caracterização que inclua recortes de gênero, idade, raça, renda e modalidades de trabalho. Também não é possível dimensionar a parcela composta por trabalhadores de plataformas nesse grupo. Hoje, com quase 280 mil pessoas, o Rio Grande do Sul aparece na quinta posição entre os estados com maior proporção de ocupados com dois ou mais trabalhos. Em quarto lugar, entre os números absolutos.

Em resposta ao Jornal do Comércio, o Departamento de Economia e Estatística (DEE) da Secretaria de Planejamento Governança e Gestão do Estado, responsável pela edição trimestral do Boletim de Trabalho do Rio Grande do Sul, informou que “o cruzamento dos dados da PNAD Contínua com informações sobre o perfil demográfico desse grupo demandaria um estudo prévio, que ainda não foi realizado pelo DEE”. O órgão também avalia “a possibilidade de incorporar essa análise ao próximo Boletim de Trabalho, o que permitiria abordar o fenômeno de forma mais detalhada”.

Não é tarefa difícil, porém, encontrar exemplos de pessoas com duas ou mais ocupações. Há casos, aliás, em que o mais difícil é delimitar o trabalho “principal”.

Foi assim que Andréia Schultz passou do desemprego à dupla ocupação, em poucos meses. Começou com uma atividade rotineira: foi buscar uma amiga que trabalhava numa empresa de planos de saúde em Porto Alegre. Passou por uma sala de vidro e se interessou. Eram os escritórios das vendedoras. “Então eu disse: é aqui que eu vou trabalhar”.

Três meses depois, Andréia foi chamada. Era 2009. Hoje, completa 17 anos como consultora de planos de saúde. Atualmente, ela tem em torno de 8 mil beneficiários. “E eu tenho um amor incrível, é uma profissão maravilhosa.

Mas a gente sempre precisa de um plus a mais”, considera.

No mesmo ano, já pensava em formas de complementar a renda. Ingressou num curso de fotografia por celular e não parou mais. Fez aulas particulares, investiu em equipamentos, sempre com o interesse em retratar pessoas. No início, queria fazer ensaios boudoir, buscando o lado mais sensual de mulheres.

Começou a trabalhar como fotógrafa ainda naquele ano. Aos poucos, a clientela foi mudando. Então foi chamada para um evento infantil. “Pensei: ‘não é bem o que eu faço, mas eu vou’. Hoje, eu amo fazer evento infantil. Eu amo fotografar crianças”.

Atualmente, além de abrir a agenda para diferentes eventos, Andréia já tem uma clientela fixa, incluindo pessoas e empresas, principalmente de Porto Alegre e arredores. É, inclusive, a fotógrafa fixa de uma casa de religião na Capital. Boa parte dos clientes, aliás, surgiu a partir do trabalho como consultora de plano de saúde. “E vice-versa: gente da fotografia que já fez cotação para o plano de saúde comigo”, complementa.

O trabalho de consultora ainda é a principal fonte de renda de Andréia. A fotografia, por outro lado, oferece uma remuneração menos estável, embora haja meses em que as duas fontes quase se equiparem. O final de ano costuma atrair mais a busca pelos serviços fotográficos, pelo menos no caso de Andréia. É quan-

do se organizam mais eventos em empresas, formaturas, entre outros. Ainda assim, a renda da consultoria tende a ser superior.

“Eu estava fazendo uma transição na empresa para passar de CLT para PJ. Com isso fiz todo um orçamento, já estava vendo uma sala para alugar, porque ia ficar mais forte na fotografia, conciliando com o plano de saúde e fazendo tudo dentro dessa sala. Fui ver sala, equipamento... Minha ideia era essa. No fim, essa troca para PJ deu errado, ficou uma confusão, e eu acabei desistindo porque fiquei receosa de ficar com uma despesa fixa maior ainda. Mas ainda é meu sonho e meu projeto”, esclarece.

Atualmente, Andréia não se vê optando por uma ou outra profissão. Gosta do trabalho fixo: para ela é tão satisfatório quanto a fotografia. Se no trabalho artístico a gratificação vem da possibilidade de mostrar a beleza muitas vezes insuspeita para as pessoas retratadas, como consultora de planos de saúde, o encanto vem da solução de problemas.

“Há poucos dias uma cliente me chamou para agradecer por eu ter ajudado a conseguir o médico para fazer a cirurgia de amígdala do filho dela pequeninho. Eu levantei às 4h da manhã e consegui uma remoção de Nova Petrópolis. Pedi para o médico ligar para o Moinhos, a pessoa veio, estava em risco de vida, fez a cirurgia. Então isso é bacana”, relata.

Estados com maior percentual de pessoas com dois ou mais trabalhos

UF	Dois ou mais trabalhos	% dos ocupados
Roraima	16 mil	5,1%
Sergipe	49 mil	5,0%
Piauí	66 mil	5,0%
Paraíba	87 mil	5,0%
Rio Grande do Sul	279 mil	4,7%
Minas Gerais	503 mil	4,6%
Tocantins	35 mil	4,5%
Brasil	3,710 milhões	3,6%

FONTE: IBGE, PNAD CONTÍNUA TRIMESTRAL, 2º TRIMESTRE DE 2026

ANDRÉIA SCHULTZ/ARQUIVO PESSOAL/JC



Andréia Schultz atua há 17 anos como consultora de planos de saúde...

ANDRÉIA SCHULTZ/ARQUIVO PESSOAL/JC



...e também passou a fotografar para complementar a renda

Do serviço público ao empreendedorismo

Larissa Urruth Pereira iniciou a carreira profissional aos 14 anos, como estagiária de nível médio. Com 16, foi menor aprendiz; com 18, operadora de telemarketing por alguns meses, até ser nomeada num concurso público de nível médio. Chegou a conciliar o estágio do curso de Direito com o cargo público. Poucos anos depois, em 2013, terminou a graduação, emendou especialização, mestrado, pesquisa. Tudo isso sem abdicar do serviço público.

Em 2017, ao final do mestrado, queria investir na vida acadêmica. Tinha o sonho de ser professora, mas também vontade de advogar. “Então eu me desliguei do emprego público e fui trabalhar num escritório de advocacia que não era meu. E iniciando o doutorado, eu comecei a dar aula”, relata.

Nesse período, Larissa trabalhava em torno de 8 horas diariamente no escritório de

advocacia no centro de Porto Alegre e mais três horas ministrando aulas numa faculdade do interior do Estado, para onde se deslocava todos os dias. Ficou um ano e meio nessa rotina até decidir abrir o próprio escritório, em conjunto com uma sócia.

A jornada dupla continuou. Hoje, alia duas carreiras bem conceituadas, mas nem sempre o prestígio reflete em remuneração. Ela conta que nasceu em família humilde e, pelo menos no início, era necessário conciliar os empregos de advogada e de professora universitária para ter renda suficiente.

“Depois eu fui entendendo que eu gosto muito de advogar e que advogar me dá melhores condições financeiras. E aí, ao abrir meu negócio e ele começar a dar certo, eu investi mais nisso. Então hoje eu entendo que ter as duas atividades está mais ligado à realização pessoal. Mas também à renda”, complementa.



Larissa tem duas carreiras, mas nem sempre o prestígio reflete na remuneração, diz ela

Artista e designer desafia o mercado tradicional



Thane C. lançou sua primeira música autoral aos 22 anos

Thane C. nasceu na Vila Cruzeiro, em Porto Alegre, e sempre quis ser cantora. Um projeto musical no Ensino Médio abriu as portas e Thane formou uma banda com colegas. Passaram a se apresentar na Cidade Baixa. Com o tempo, parte da banda não quis seguir no ramo, mas Thane continuou: cantou na igreja, participou de coral. Foram anos de juventude dedicados à música. Em meio a isso, trabalhou em diferentes lojas, em shoppings. Também atuou como modelo e assim se aproximou da moda.

Aos 22 anos, Thane C. lançou sua primeira música autoral: Lance. Era o início da pandemia. Depois de mais dois lançamentos, engravidou. “Eu achava que estava no meu auge. Tinha lançado minhas músicas, eu já estava marcando agenda para show, acho que juntou tudo também junto com a pandemia. Então acabei ficando muito, muito triste, muito isolada também”.

Mas a rotina não permitia longas paradas. Thane seguia em um emprego numa loja de moda feminina quando iniciou a faculdade de Design de Moda em 2023. A partir de então, começou a desenvolver uma marca própria de roupas e acessórios em cro-

chê: a Soul+Brasil. “Foi o que me despertou também a vontade de vestir outras pessoas, trabalhar como stylist, trabalhar também como social media. Eu acho que a moda te faz isso, te dá essa abertura de trabalhar com tudo relacionado à arte”.

Meses mais tarde, entrou para o Fórum de Mulheres Negras da Economia Popular Solidária (Fesope), que possibilitava a exposição e a venda de seus produtos. Nesse contexto, decidiu deixar o antigo emprego. “Eu me vi muito presa dentro do shopping, não conseguindo produzir o que eu queria. E aí acabei focando mesmo na minha marca, na música”, conta.

Thane C. hoje se considera “artista e designer de moda”. Não é tão simples, entretanto, organizar as múltiplas atuações profissionais em categorias fixas. A depender do contexto e das oportunidades, ela reordena seu foco entre a arte e o empreendimento. Enquanto isso, segue atuante na economia solidária e a marca Soul+Brasil está prestes a passar por um processo de rebranding a partir de novembro. A música também permanece na rotina profissional, sobretudo nas oficinas ministradas por ela.

Estados com os maiores contingentes de pessoas com dois ou mais trabalhos

UF	Pessoas com dois ou mais trabalhos (mil)
São Paulo	762
Minas Gerais	503
Rio de Janeiro	326
Rio Grande do Sul	279
Bahia	265
Paraná	254
Pará	141

FONTE: IBGE, PNAD CONTÍNUA TRIMESTRAL, 2º TRIMESTRE DE 2026

Empresária alia moda com paixão por ensinar

A professora Thays Mossi, do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) acredita que um dos principais fatores para o acúmulo de ocupações seja a renda extra. Porém, há quem busque uma experiência específica, relacionada a algum tipo de realização pessoal. É o caso de Eleonor Canal, que há 25 anos é proprietária, em sociedade com a irmã, de uma loja de vestuário em Campinas do Sul, no Norte do Estado: a Mana Modas.

Em 2025, o cotidiano de Eleonor se transformou: começou a trabalhar como professora de ensino infantil no município. Formada em Pedagogia desde 2007, nunca tinha atuado na área.

“Tive a oportunidade de finalmente colocar em prática conhecimentos adquiridos durante minha formação. Tinha o desejo de viver um novo desafio profissional e descobrir como seria a experiência de ser professora. Sempre tive curiosidade e vontade de conhecer essa realidade, principalmente o trabalho com as crianças”.

A nova rotina é, naturalmente, muito ativa. Durante a manhã, Eleonor trabalha na loja, enquanto as tardes são dedicadas à sala de aula — sem contar as ocupações domésticas: é casada e mãe de duas filhas, o que exige ainda mais organização de tempo e responsabilidades.

“Cada trabalho possui seus próprios desafios. No comércio, temos o contato direto com os clientes, as responsabilidades da loja, as vendas e toda a parte de organização. Na escola, o desafio é lidar diariamente com as crianças, planejar as atividades, ensinar, acompanhar cada aluno e estar sempre buscando novas formas de tornar a aprendizagem significativa. É uma rotina intensa, mas também muito gratificante”, assinala.

Apesar do cansaço das jornadas, Eleonor pretende seguir nas duas atividades. “A Mana Modas faz parte da minha história há 25 anos e é um trabalho que construí junto com minha irmã. Já a profissão de professora é uma experiência nova, que me trouxe muitos aprendizados e uma realização muito especial”.

gogia desde 2007, nunca tinha atuado na área.

“Tive a oportunidade de finalmente colocar em prática conhecimentos adquiridos durante minha formação. Tinha o desejo de viver um novo desafio profissional e descobrir como seria a experiência de ser professora. Sempre tive curiosidade e vontade de conhecer essa realidade, principalmente o trabalho com as crianças”.

A nova rotina é, naturalmente, muito ativa. Durante a manhã, Eleonor trabalha na loja, enquanto as tardes são dedicadas à sala de aula — sem contar as ocupações domésticas: é casada e mãe de duas filhas, o que exige ainda mais organização de tempo e responsabilidades.

“Cada trabalho possui seus próprios desafios. No comércio, temos o contato direto com os clientes, as responsabilidades da loja, as vendas e toda a parte de organização. Na escola, o desafio é lidar diariamente com as crianças, planejar as atividades, ensinar, acompanhar cada aluno e estar sempre buscando novas formas de tornar a aprendizagem significativa. É uma rotina intensa, mas também muito gratificante”, assinala.

Apesar do cansaço das jornadas, Eleonor pretende seguir nas duas atividades. “A Mana Modas faz parte da minha história há 25 anos e é um trabalho que construí junto com minha irmã. Já a profissão de professora é uma experiência nova, que me trouxe muitos aprendizados e uma realização muito especial”.



Eleonor é proprietária, junto com a irmã, da Mana Modas

Leia mais nas próximas páginas >>

REPORTAGEM ESPECIAL

Autonomia é limitada pelas plataformas, explica professora da Ufrgs

Gabriel Eduardo Bortulini*

Especial para o JC

A autonomia é uma das promessas mais cativantes nos novos formatos de trabalho, incluindo as plataformas. Para Thays Mossi, professora do Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) contudo, ela tem limites. O próprio capitalismo passou a exigir autonomia dos trabalhadores na segunda metade do século passado.

“Por um lado, a gente tem toda a flexibilização da produção, do toyotismo, em que o trabalhador vai ter que se aplicar subjetivamente — não é só mais fazer um trabalho braçal, ele vai ter que pensar, se engajar, se importar com aquilo em alguma medida. Só que isso não resolveu a demanda por autonomia que existia. Isso vai se desenvolver mais adiante na questão do empreendedorismo”, explica.

A autonomia, de acordo com a professora, foi validada como algo a ser almejado pelos indivíduos, que empreendem, abrem seus negócios. A mesma lógica, no entanto, chega a profissões como motoristas e entregadores de aplicativo.

“Eles pensam: ‘eu quero ser meu próprio patrão, quero ter controle sobre meu tempo. Se eu quiser trabalhar, eu trabalho; se não quiser, não trabalho’. Só que o que as pesquisas mostram é que isso na verdade não é uma opção, porque a remuneração é tão baixa que, se você não trabalhar, vai passar fome”, analisa.

Isso não significa a falta de realização pessoal em nome da autonomia. Pessoas que trabalham com essas plataformas podem estar satisfeitas. “Mas, ao mesmo tempo representam coletivamente mais uma camada de precarização do trabalho”, pondera.

Ainda, embora as plataformas digitais ofereçam atalhos a quem busca uma fonte primária ou secundária de renda, a atual lógica da complementação não parece se diferenciar tanto do tradicional “bico”, de décadas passadas.

“O que diferencia é a roupagem ideológica, da lógica do empreendedorismo. Mas de fato não há muita diferença, não me parece ser um fenômeno novo em si. O que é novo é a forma de produzir engajamento a esse formato”, pontua.

Não se pode dizer, contudo, que não haja certo ganho de autonomia. Entretanto, a professo-



De acordo com a especialista, pessoas que trabalham com aplicativos podem estar satisfeitas

ra destaca pesquisas mostrando que os algoritmos possuem mecanismos para penalizar motoristas, por exemplo, que não se mantêm disponíveis constantemente ou que recusam corridas.

“Há uma autonomia, mas ela ainda é muito limitada e cada vez mais as plataformas encontram maneiras de podar essa autonomia”, pondera.

Por fim, Mossi destaca uma diferença entre as ocupações complementares da segunda metade

do século passado em comparação ao cenário atual. A criação do Microempreendedor Individual (MEI) possibilitou a formalização para parte dos trabalhadores que antes eram totalmente informais.

“Outra diferença em relação aos anos 1960 e 1970 é que a gente tinha esse fenômeno mais restrito ao trabalho não qualificado. E agora está mais abrangente, vai para o trabalho qualificado também”, conclui.

Segundo os dados publicados

pelo IBGE em setembro, as motivações para trabalhar por plataformas digitais variam. Para os que as utilizam como trabalho principal, 26,8% citaram a flexibilidade como motivo principal, 24,6% relataram não ter encontrado outro trabalho, enquanto 16,6% citaram a complementação de renda. Quando as plataformas são utilizadas como atividade secundária, no entanto, 87,7% apontaram a complementação de renda como o principal motivo.

Jornadas mais longas podem representar mais exaustão

Manter duas ou mais ocupações que envolvem realização profissional e renda nem sempre representam uma conciliação saudável, no entanto. A advogada e professora Larissa Urruth Pereira trabalha cerca de 56 horas semanais: 36 horas no escritório de advocacia e 20 horas na faculdade, embora quisesse dividir o tempo em cargas mais equilibradas.

“Fica muito pesado, eu me sinto exausta. É bastante difícil conciliar. E claramente a jornada de um trabalho interfere de outro. Por exemplo, essa semana eu estou com um prazo gigantesco no escritório e eu tinha algumas atividades acadêmicas muito importantes, como o lançamento do meu livro e fechamento de semestre, então algumas horas que eu precisava dedicar para o trabalho do escritório eu tenho que dedicar para a academia”, explica.

Para Thays Mossi, exemplos como o de Larissa repercutem diretamente no atual debate da redução da jornada de trabalho.

“A gente está discutindo a questão da escala 6x1. Poder demandar uma redução da jornada de trabalho no cenário do mercado de trabalho hoje chega a ser um privilégio, porque não é um direito acessível a todos ter uma jornada de trabalho fixa. Então, nesse sentido, é quase um privilégio tu poder te organizar e pautar essa questão”, avalia.

A professora do Departamento de Sociologia da Ufrgs ainda destaca um elemento relevante no exemplo de Larissa: tratam-se de dois vínculos formais e não de um complemento de renda partindo da informalidade. “E a questão é que um vínculo trabalhista só não sustenta uma vida. Isso é um problema coletivo muito sério, muito importante”. Mossi ainda discute a organização pessoal de quem acumula mais de uma ocupação, incluindo tempo de descanso e férias. No caso de Larissa, para dar conta da carga horária conturbada, é comum abdicar, inclusive, do tempo de lazer.

“Por exemplo, semana passada eu estava participando de uma atividade acadêmica que exigia intenso estudo, e durante dez dias, absolutamente todo o ‘tempo livre’ que eu teria, eu estava trabalhando. Eu não tive domingo, eu não tive nenhuma noite livre, eu acordei mais cedo todas as manhãs, eu não fui na terapia, não fiz aula de flauta, e isso acontece com alguma frequência, porque as minhas duas atividades às vezes têm um período de hiperexigência. Elas sempre me exigem bastante, mas em alguns períodos elas me exigem muito”, descreve.

Apesar disso, Larissa pretende seguir com a jornada dupla. Para ela, ser professora constitui a própria identidade, sem mencionar a força transformadora da educação. Ao mesmo tempo, advogar também gera um trabalho socialmente valioso.

“É um campo que precisa muito ser disputado, por mulheres, por pessoas que não sejam das classes sociais hegemônicas”.

Não é raro, entretanto, sentir-se seduzida por uma jornada mais “tradicional”. “Recorrentemente eu penso em abrir mão dessas minhas convicções para ter um trabalho burocrático, 8 horas por dia, 5 dias na semana, que eu desligue o computador e esqueça da vida, mas eu não sei se eu vou conseguir. Para a saúde mental, cansaço e qualidade de vida talvez fosse melhor assim. Mas eu também vejo no trabalho como algo constituinte da minha identidade, de quem eu sou. Então é difícil imaginar que eu consiga abrir mão de alguns dos dois trabalhos que eu tenho hoje”, confessa.

Para a consultora de planos de saúde e fotógrafa, Andréia Schultz, a dupla ocupação gera impactos inclusive na saúde. “Isso me deixa bastante estressada quando estou com muito trabalho. Por isso não quero mais pegar um evento de fotografia grudado no outro, porque já fiz isso e fiquei até doente. É muita coisa. Na con-

sultoria não é só fazer a venda e sumir: a gente segue perguntando, segue acompanhando. Eu dou um prazo de 15 dias para entregar as fotografias, mas as pessoas têm o costume da ansiedade. Eu começo a ficar nervosa e não sobra muito tempo. Já tive situações de deixar de sair porque precisava acabar um trabalho”, revela.

O dia a dia de Andréia se intensificou ainda mais nos últimos tempos. A mãe foi internada há poucas semanas e permaneceu 11 dias hospitalizada. Dias depois, foi a própria Andréia, que está em fase final de recuperação de uma cirurgia no ombro, quem precisou ser levada para a emergência por conta de uma pneumonia.

“Fiquei muito mal mesmo. Creio que seja o acúmulo de trabalho, estresse e hospital. Em 11 dias, eu trabalhei, editei fotos, fiquei no hospital, fiz plantão, fiz evento, fiz tudo o que se possa imaginar, com o braço ainda recuperando. Mas vi que o corpo está pedindo calma”, reflete.

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Instituto Cyrela mobiliza voluntários na Capital

Iniciativa promoveu reformas e melhorias nos espaços de uma instituição que atende aproximadamente 180 crianças

Sofia Kramp Leke

sofia@jcrs.com.br

Em setembro, a Associação Beneficente Lar de São José, localizada no bairro Santana, em Porto Alegre, ganhou novas cores, ambientes renovados e paisagismo revitalizado. A transformação foi resultado da edição de 2026 do Dia da Ação Voluntária (DAV), iniciativa anual promovida pelo Instituto Cyrela que reuniu cerca de 50 voluntários em um mutirão de melhorias. A instituição atende aproximadamente 180 crianças e desenvolve atividades fundamentais de acolhimento, convivência e suporte ao desenvolvimento infantil.

Para garantir a qualidade e a segurança das intervenções, as ações foram organizadas em etapas. Antes do início das atividades voluntárias, equipes contratadas pelo próprio Instituto Cyrela realizaram a colocação prévia de grama na área externa. Com a estrutura básica pronta, o grupo de voluntários atuou renovando a pintura interna e externa do imóvel, organizando jardins e qualificando os espaços de lazer. As melhorias transformaram o local de trabalho diário das equipes sociais e educacionais, proporcionando um ambiente mais seguro e acolhedor para as rotinas das crianças.

A escolha do Lar de São José para receber a edição de 2026 seguiu critérios alinhados às prioridades do Instituto Cyrela,

como o atendimento contínuo ao público infantil, a disponibilidade de infraestrutura para receber as equipes e a existência de demandas concretas por reformas físicas. O objetivo central é apoiar organizações comunitárias que desempenham papel relevante, mas que necessitam de suporte para adequar suas instalações às atividades diárias.

Aron Zylberman, diretor do Instituto Cyrela, ressalta que as transformações promovidas pelas reformas vão além do contexto estético e possuem um papel essencial para o público atendido. “Uma nova pintura, um equipamento adequado ou um espaço mais acolhedor podem estimular a permanência e a dedicação aos estudos. É sobre despertar o prazer de estar na escola e criar condições mais favoráveis à aprendizagem. Por isso, olhamos para o impacto não apenas pelas melhorias realizadas, mas pelo potencial que elas têm de contribuir para a experiência e o desenvolvimento de quem utiliza esses espaços”, afirma.

Realizado há mais de dez anos de forma contínua, o Dia da Ação Voluntária também ocorreu nas regionais de São Paulo e do Rio de Janeiro. A mobilização promove um esforço conjunto que reúne colaboradores do grupo, fornecedores parceiros e moradores das comunidades vizinhas. O objetivo é responder às necessidades reais de instituições sociais, unindo diferentes setores da sociedade em torno do enfrentamento de desafios sociais históricos.

A convivência proporcionada pelo mutirão permite que os profissionais conheçam de perto o dia a dia, a dedicação e os desafios enfrentados pelo terceiro



Revitalização incluiu pintura interna e externa, paisagismo e melhorias na área de lazer usada pelas crianças

setor. Essa aproximação mostra como a união entre voluntários, iniciativas privadas e lideranças comunitárias locais podem gerar impacto positivo para o trabalho de educadores e cuidadores.

“Ampliar o alcance desta iniciativa passa por continuar fomentando essa cultura e reforçando a importância de cada participação. Doar um dia do ano para se dedicar ao próximo pode parecer um gesto simples, mas representa um grande compromisso coletivo”, salienta Zylberman.

A iniciativa em Porto Alegre reflete a atuação do Instituto Cyrela, fundado em 2011 para gerir e estruturar os investimentos sociais do Grupo Cyrela. A organização atua em parceria com o setor público, instituições de ensino e entidades locais para beneficiar trabalhadores, alunos, creches, organizações sociais e comu-



Dia da Ação Voluntária envolve colaboradores, fornecedores e comunidade

des vizinhas aos empreendimentos da empresa. Com o propósito central de “fazer o bem”, o Instituto coloca a educação como principal motivação de suas ações, na qual combina projetos pedagógi-

cos com melhorias na qualidade de vida urbana. A revitalização do Lar de São José entra nessa estratégia ao criar espaços funcionais que garantem condições adequadas de acolhimento e convivência.

Ações da instituição oferecem qualificação profissional e educação

Partindo de um investimento de R\$ 100 milhões na área do ensino, o Instituto Cyrela já impactou positivamente mais de 150 mil pessoas desde sua criação. As ações da instituição são guiadas por três pilares estratégicos: Pilar Conexão, Pilar Vontade e Pilar Transformação.

Entre os destaques do portfólio está o programa Morar Bem, voltado para a realização de reformas residenciais de baixo impacto nas casas dos próprios

colaboradores de obras da empresa. A iniciativa conta com projetos elaborados por profissionais especializados focados na segurança. Como forma de reforçar o sentimento de pertencimento e a autonomia, os trabalhadores participam ativamente das melhorias em seus lares e recebem orientações práticas para realizar pequenas manutenções preventivas.

No Rio Grande do Sul, a atuação da organização tem foco

prioritário no desenvolvimento educacional e na formação cidadã. “Acreditamos que o lugar onde estudamos importa e, por isso, queremos que o Vizinhança do Saber, nosso projeto de revitalização de espaços de aprendizagem, continue proporcionando ambientes acolhedores, bonitos e funcionais. Também buscamos ampliar as oportunidades de inclusão produtiva, apoiando projetos que contribuam para a formação e

a qualificação profissional dos jovens”, conta Zylberman.

O programa Vizinhança do Saber, estruturado para apoiar a formação técnica e socioemocional de jovens que buscam inserção no mercado de trabalho, conta com uma ampla rede de parceiros educacionais. A iniciativa oferece cursos preparatórios para exames nacionais como o ENEM e o ENCCEJA, além de qualificações técnicas específicas na área da construção civil para capacitar

novos profissionais.

Outro projeto de grande importância feito pelo Instituto é o Rede do Bem, programa de economia circular e responsabilidade social que recolhe móveis, equipamentos e utensílios em bom estado sem uso nas unidades da empresa e realiza a doação planejada para organizações sociais previamente cadastradas, fortalecendo a infraestrutura de atendimento do terceiro setor.

MINUTO VAREJO

Julia's Closet chega à Capital e mira o Brasil

Marca de alfaiataria da Serra alcança sete unidades, com foco em experiência de compra

Patrícia Comunello

patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

Uma grife da moda caxiense de alfaiataria feminina acaba de desembarcar em Porto Alegre. A Julia's Closet já opera na rua Hilário Ribeiro, 329, no bairro Moinhos de Vento. A diretora criativa e proprietária, Léia Dias, que criou o negócio há 16 anos (nome inspirado na filha Julia), detalhou, desde o peso da produção própria em Caxias do Sul, foco das coleções e crescimento no varejo físico próprio, hoje com sete pontos. Antes de entrar na Capital, a mar-

ca se firmou na Serra (unidades em Caxias do Sul, Gramado e Farroupilha) e as demais em Santa Catarina: Balneário Camboriú e duas em Itapema (um outlet). São 60 funcionários. A rede tem cinco lojas conceito, um atacado e um outlet. A marca não deve parar na sétima loja. Léia adianta que virão mais. O destino? "Brasil", sinaliza: "Não podemos revelar os próximos destinos e prazos. Estamos em fase de negociações e planejamento". A marca também abastece lojistas multimarcas pelo canal de atacado, o que amplia a presença nacional.

Na Hilário, a marca investiu R\$ 550 mil para montar o espaço, ao lado da confeitaria Artezanalle, do casal Carla e Fabio Irigoite. "A quadra se firma como destino de moda e gastronomia", comemora



Loja estreou ao lado da Artezanalle, reforçando o elenco de moda e gastronomia da rua Hilário Ribeiro

Irigoite. Em frente, fica a flagship da Twin-set, de vestuário feminino. "Escolhemos uma região que conversa diretamente com o nosso posicionamento e perfil de consumidoras que valorizam qualidade, exclusividade e uma experiência de compra diferenciada", explica a dona: "O essencial foi unir localização estraté-

gica, arquitetura, curadoria de produtos e excelência no atendimento". A varejista é cautelosa na abertura de lojas e observa "espaços que fortaleçam conexões com as clientes".

A empresária informa que investiu cerca de R\$ 2 milhões nos últimos anos na ampliação de 50% da capacidade produtiva.

"Foi fundamental para acompanhar a expansão da marca", relaciona ela. "Isso proporciona maior autonomia, agilidade e cuidado com os detalhes", completa ela. A Julia's Closet foca em mulheres de 30 a 60 anos, que valorizam qualidade, bom caimento e peças que transmitam confiança e autenticidade", descreve Léia.



Natan e Thália estão à frente da operação com curadoria de moda vintage e objetos de época

Acervo Dominic em nova fase no Nova Olaria

Loja precursora na volta da Nova Olaria à Cidade Baixa, em Porto Alegre, combina duas virtudes: coleções de segunda mão, com curadoria e perfil vintage, e empreendedores jovens. Eduardo Natan e Thália de Freitas Muzykant comandam o Acervo Dominic, que ocupa espaço de 13 metros quadrados do complexo, que reabriu em 16 de outubro, após obras de revitalização. "Fomos recebidos de forma maravilhosa e acolhedora pela vizinhança", come-

moram Natan e Thália, que se conheceram fazendo trabalho extra em uma cafeteria e depois decidiram montar o Acervo (antes era Brechó Dominic). Eles começaram o negócio no online e depois tiveram pontos físicos em Igrejinha, Gramado e na Capital (avenida João Pessoa), antes de locarem no Nova Olaria.

"A loja veio como uma ideia de renda extra quando trabalhávamos com gastronomia e acabou se desdobrando em um trabalho que carrega nossa essência,

dando certo o suficiente para focarmos só nele", contam os dois sócios, estudantes da Ufrgs. Sobre o perfil da loja, ganha mais força com a curadoria de moda e objetos vintage. "Roupas datadas geralmente com mais de 20 anos e objetos vintage e antiguidades. Vendemos também quadros vintage, todos expostos nas paredes estão disponíveis", avisam os sócios. Itens do Acervo podem ser comprados também pelo perfil da marca no Instagram e também pelo site Enjoei.

Depois de Venâncio Aires, Renner abre no Moinhos

Porto Alegre e Interior estão na mira da Lojas Renner, maior varejista de moda do Brasil. Filial da Renner em Venâncio Aires abriu em meados de outubro. Na Capital, a marca inaugura em novembro no Moinhos Shopping, segundo o Grupo Zaffari, dono do complexo. A Renner lidera a família da companhia (Youcom, Ashua e Camicado), com R\$ 3,4 bilhões dos R\$ 3,8 bilhões no 2º trimestre de 2026. Também

tem Viamão à frente, onde foi um Nacional. A meta no ano é de até 30 lojas da bandeira no País. A filial de Venâncio Aires tem mais de 1,6 mil metros quadrados e ocupa prédio de dois andares na rua Osvaldo Aranha, 949, no Centro. "As novas unidades integram moda responsável e tecnologia, com o cliente no centro das decisões", afirma, em nota, Fabiana Taccola, vice-presidente de Produto e Operações da companhia.



Unidade do Interior ocupa dois andares de prédio no Centro da cidade

MINUTO VAREJO

Havan define loja em Torres e gabarita Litoral Norte

Varejista catarinense chegou a 23 filiais no Estado este ano, que teve aporte de R\$ 300 milhões e 600 vagas

Patrícia Comunello
patriciacomunello@jornaldocomercio.com.br

A rede de Lojas Havan vai gabaritar a presença no corredor das principais cidades do Litoral Norte, registra a coluna Minuto Varejo, após o mais recente anúncio. Depois de abrir em Tramandaí, a rede do empresário Luciano Hang informou o terreno do futuro destino da megaloja: Torres, na divisa com o estado vizinho. O aporte segue o padrão da marca: R\$ 100 milhões, além da instalação da réplica da Estátua da Liberdade. Serão abertos 200 empregos diretos.

A empresa já anunciou a construção de megaloja em Osório, no distrito de Atlântida Sul, uma das praias mais badaladas da re-

gião, prevista para 2027. No próximo ano, pode também finalmente sair do plano a segunda loja em Porto Alegre, em terreno na avenida Cavallhada, na Zona Sul. A empresa negocia há tempo com a Dallasanta, dona do imóvel.

A filial de Torres vai ser erguida em lote ao lado (cruzando a avenida) do atacarejo da Comercial Zaffari, o Stok Center. A dobradinha já é um clássico nas localizações das duas redes. A única loja na Capital, na Zona Norte, perto da BR-290, fica no mesmo terreno do Stok Center. A loja da bandeira de departamentos será na avenida Castelo Branco, nas proximidades da Estrada do Mar e da saída para a BR-101.

Em nota, a Havan informa sobre encontro com o prefeito da cidade, Delci Behenck Dimer, para formalizar a nova unidade. O diretor de expansão da Havan, Nilton Hang, apresentou o projeto da futura megaloja no município. O terreno tem 30 mil



Filial será erguida em terreno (à esq.), ao lado do ponto onde fica unidade do atacarejo Stok Center

metros quadrados, com previsão de 10 mil metros quadrados de área construída. O projeto para licenciamento será enviado à prefeitura. A construção terá início após a obtenção do alvará, diz

a varejista, na nota. “Torres é o lugar ideal para receber uma megaloja da Havan”, comenta Hang, na nota da rede. Em 2026, a rede abriu três lojas no Rio Grande do Sul - Ta-

quara e Garibaldi, no primeiro semestre, e Tramandaí, em agosto. O aporte total chegou a R\$ 300 milhões, além da geração de 600 empregos. O portfólio gaúcho soma 23 pontos.

Macromix Dois Irmãos completa safra de 2026



Projeto mostra como vai ser a filial da marca em Dois Irmãos, 3ª da bandeira a ser aberta no ano

O Grupo Unidasul marcou para novembro a abertura da última loja do ano. A unidade do atacarejo Macromix desembarca no dia 12 em Dois Irmãos, na região calçadista gaúcha. Será o segundo novo Macromix na temporada de 2026 e 16ª da bandeira. A nova filial custou R\$ 15 milhões, segundo a varejista, terceira maior no ranking gaúcho, com receita de R\$ 3,1 bilhões em 2025. O primeiro atacarejo do ano abriu no antigo Nacional, na Cidade Baixa, em Porto Alegre, estreia da bandeira

na Capital, com aporte de R\$ 25 milhões. Entre as duas lojas, são R\$ 40 milhões em aportes. No ex-Nacional, a loja combinou novidades, foco em pequenos negócios da região e reforço do conceito de “supermercado”. “Une volume de atacado, mas serviço de loja de vizinhança”, define o diretor de Atacarejos do grupo, Eloi Zagonel. A filial na cidade do Vale do Sinos fica na avenida Irineu Becker, 690, no bairro Primavera. Foram abertos 140 empregos.

As lojas estão em Novo Hamburgo, São Leopoldo (três unidades), Portão, Sapiranga, Taquara, Sapucaia do Sul, Esteio, Canoas, Cachoeirinha, Xangri-Lá, Tramandaí e Torres. O Unidasul informa que a nova filial “integra expansão até 2029, que prevê investimentos na ampliação e modernização de suas operações no Rio Grande do Sul”. Além do Macromix, o Rissul ganhou unidades em Porto Alegre, na Zona Sul, e Esteio, origem do supermercado e sede do grupo.

São João abrirá antes do McDonald's em esquina

A rede gaúcha de farmácias São João, quarta maior do Brasil, será a primeira a abrir na esquina de uma das avenidas mais movimentadas de Porto Alegre, novidade antecipada pelo Minuto Varejo. “Primeira” porque o ponto no encontro da avenida Ipiranga com rua Cristiano Fischer terá também uma loja do McDonald's, prevista para estreitar em novembro. Farmácia e fast-food viraram os principais ocupantes de esquinas na Capital e interior. O motivo? Fluxo e visibilidade. A São João abre em 3 de novembro, com multisser-

viços, de calibrador de pneus, wi-fi gratuito ao mix de remédios, higiene, beleza, eletroportáteis, comidinhas e bebidas. A loja tem quase 200 metros quadrados e estacionamento com 32 vagas. Situada no terreno do campus da Pucrs, a marca diz que doará 50% das vendas do dia da abertura ao Hospital São Lucas da PUC. A rede tem 1,25 mil lojas em mais de 300 municípios, entre o Estado, Santa Catarina e Paraná. A filial funcionará de segunda a sábado, das 7h às 23h, e aos domingos e feriados, das 8h às 22h.



Instalações estão quase prontas na região do campus da Pucrs



Mais que uma conta, um Banrisul de possibilidades.

Com o Banrisul, o seu MEI conta com tudo que precisa para fazer acontecer: soluções para receber, organizar, investir e fazer o seu negócio crescer.

- Sem mensalidade
- Pix ilimitado
- Atendimento nas agências e canais digitais
- Linhas de Crédito
- Banricompras à vista, pré e parcelado
- Maquininha Vero grátis*

*Aluguel grátis para faturamento acima de R\$ 2.000,00.



ABRA SUA CONTA PELO APP.

